

# Um velho mestre à espreita: Willy Lewin leitor de João Cabral<sup>1</sup>

*An old master on the Lurk: Willy Lewin, a  
João Cabral reader*

*Edneia Rodrigues Ribeiro<sup>2</sup>*

## RESUMO

Este trabalho pretende analisar o poema “A Willy Lewin morto”, a fim de apontar que uma suposta efemeride pode revelar, além do cunho afetivo, vínculos literários entre João Cabral de Melo Neto e seu mentor intelectual durante a juventude, no Recife. Como os estudos acerca de Willy Lewin são escassos, este trabalho se baseará em referências ao longo da obra de João Cabral de Melo Neto, entrevistas, missivas e informações obtidas em documentos de fontes primárias. Será discutido como Lewin, a quem é dedicado o principiante *Pedra do sono* (1942), é retomado nesse poema de *Museu de tudo* (1975), assumindo ares de leitor especializado de quem o poeta amadurecido busca “o sim e o desagrado”.

**Palavras-chave:** *Literatura brasileira; João Cabral de Melo Neto; Willy Lewin.*

## ABSTRACT

This work intends to analyze the poem “A Willy Lewin morto” as a way to showcase that supposed ephemerality might reveal, beyond affection, literary bonds between João Cabral de Melo Neto and his intellectual mentor during his youth in Recife (Brazil). As studies on Willy Lewin are scarce, this work will be based on references throughout João Cabral de Melo Neto’s work, in interviews, correspondence, and other information obtained first hand through João Cabral’s documentary collection. This paper will discuss how Lewin, to whom he dedicated one of his early works, ‘Pedra do Sono’ (1942), is once again referenced in this poem from ‘Museum of Everything’ (1975), assuming a role of a specialized reader from whom the poet seeks approval.

**Keywords:** *Brazilian literature; João Cabral de Melo Neto; Willy Lewin.*

<sup>1</sup> Uma versão inicial deste trabalho foi apresentada no VII Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa (SIMELP), ocorrido em Ipojuca-PE, em agosto de 2019. Algumas ideias dialogam com a tese de doutoramento – *Um museu de duas faces: poesia de circunstância em João Cabral de Melo Neto* – defendida pela autora deste trabalho, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2019.

<sup>2</sup> Instituto Federal Norte de Minas Gerais (IFNMG), Montes Claros, Minas Gerais. E-mail: edneiarr@yahoo.com.br



*foste ainda o fantasma  
que prelê o que faço,  
e de quem busco tanto  
o sim e o desagrado.*

(João Cabral de Melo Neto)

**O**s versos dessa epígrafe sugerem a existência de um fantasma-leitor que segue vigiando o fazer poético de João Cabral de Melo Neto. A ele o poeta consagrado – que se prepara para publicar o décimo quarto livro – busca agradar, mesmo que de modo paradoxal. Afinal, quem exerce o papel de leitor especializado que inspeciona o processo de criação da poética cabralina?

Faz-se necessário contextualizar que tais versos compõem a última estrofe do poema “A Willy Lewin morto”, de *Museu de tudo* (1975). Esse livro é considerado pelo próprio poeta e por alguns dos seus estudiosos, como o mais inclinado ao circunstancial no conjunto de livros de João Cabral. Marta de Senna (1980) e João Alexandre Barbosa (2007), por exemplo, reiteraram essa opinião, indicando o título como um divisor na obra cabralina, à medida

que se desprende do planejamento rigoroso e compõe-se por poemas, supostamente, menos elaborados.

Desde os primeiros trabalhos em que é analisado – *João Cabral*: tempo e memória (1980), de Marta de Senna– a textos mais recentes – “Os jardins enfurecidos” (2009), de Lêdo Ivo – enfatiza-se o aspecto fragmentário e circunstancial a que lhe atribui seu próprio autor. Ao evidenciar como esse *Museu* se inclina ao contingente, Lêdo Ivo (2009, p. 19) define-o como “um inventário, um livro de acumulação: paisagens, viagens, leituras, amizades, a ronda da morte, reflexões, quadros e pintores, futebol e dança.” A partir desse traço, compara-o a *Mafuá do malungo*, de Manuel Bandeira, atribuindo a ambos a capacidade de reunir poemas de circunstância nos quais predominam figuras conviviais.

Para Marta de Senna (1980), embora seja visto como invertebrado, *Museu de tudo* se organiza em torno de determinados núcleos poéticos, sendo mais numeroso o grupo de poemas de circunstâncias e sobre o tempo. Segundo a estudiosa, esse livro não contribui significativamente para a poesia brasileira contemporânea como o fizeram *O engenheiro* e *A educação pela pedra*, mas torna-se importante na trajetória do poeta, “porque nele se insinua o perfil de um novo Cabral, que, não obstante, já existia no anterior” (SENNA, 1980, p. 203).

As opiniões sobre esse livro oscilam desde a predominância de poemas de circunstância ou metalinguístico a uma possível reviravolta na obra desse pernambucano. A respeito da ruptura com o projeto poético que antecede *Museu de tudo*, há leituras indicando mudança de rumos e outras sugerindo que algumas novidades não estão completamente desprendidas do estilo cabralino. Para João Alexandre Barbosa (2007, p. 274), o que foi publicado após *A educação pela pedra*, principalmente *Museu de tudo* e *A escola das facas*, representa a passagem, mas não o afastamento das aprendizagens poéticas desenvolvidas em livros anteriores.

Antonio Carlos Secchin (2014, p. 267) assinala que “João Cabral, aparentando incorporar novos ingredientes a seu universo poético, permanece fiel a ângulos já obsessivamente trabalhados”. Desse modo, a provável ausência da coluna vertebral não pode ser vista como sinônimo de inconsistência, pois os poemas não se amontoam aleatoriamente. Eles se organizam em torno de alguns núcleos entre os quais se destaca a metalinguagem, que possibilita a esse poeta referenciar e reverenciar a própria arte, inclusive a sua poesia, revelando-se, numa espécie de espelho invertido, à medida que se propõe a falar de outros artistas.

Observa-se que a metalinguagem e a poesia de circunstância se apresentam como características fulcrais de *Museu de tudo*. A imbricação entre esses dois traços pode ser considerada um fator essencial na construção do poeta crítico que se dispõe tanto a analisar outros artistas quanto a fazer um

balanço da sua própria obra. Cerca de metade dos poemas desse livro versa sobre artistas de diversos segmentos e de diferentes épocas e nacionalidades. Logo, dos oitenta poemas reunidos na antologia *Poesia crítica* (1982), organizada pelo próprio poeta, quarenta vêm de *Museu de tudo*. No livro de 1975, a Literatura Brasileira comparece em dez poemas que homenageiam escritores amigos de João Cabral: Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Willy Lewin, Joaquim Cardozo, Gilberto Freyre, Rubem Braga e Marques Rebelo.

Destacam-se, em *Museu de tudo*, alguns poemas sobre o falecimento de personalidades e amigos, que podem ser vistos como mais inclinados à poesia de circunstância. Aliás, considerando-se a recorrência da morte na poética cabralina, a abordagem do tema não representa novidade. Todavia, chama atenção o fato de que, em poemas que versam sobre a morte de literatos<sup>3</sup>, não se enfatiza o acontecimento fúnebre, mas serve de pretexto para realçar a criação artística do homenageado. Muitas vezes, a maneira como morreram é associada ao método de criação e ao estilo poético do falecido. Como pode ser observado em “A Willy Lewin morto”:

Se escrevemos pensando  
como nos está julgando  
alguém que em nosso ombro  
dobrado, imaginamos,

e é o primeiro que assiste  
ao enredado e incerto  
que é como no papel  
se vai nascendo o verso,

e testemunha o aceso  
de quem está no estado  
do arqueiro quando atira,  
mais tenso que seu arco,

foste ainda o fantasma  
que prelê o que faço,  
e de quem busco tanto  
o sim e o desagrado.

(MELO NETO, 1975, p. 59).

Considerando o falecimento de Lewin, em 1971, esse poema pode ser visto como uma efeméride. Entretanto, de maneira semelhante às homenagens

<sup>3</sup> Marques Rebelo (“Na morte de Marques Rebelo” e “O espelho partido”), W. H. Auden (“W. H. Auden”) e Marcel Proust (“Proust e seu livro”).

a Marques Rebelo e W. H. Auden, o foco não recai sobre a morte, mas destaca a relevância do poeta e ensaísta pernambucano na formação de João Cabral, durante sua juventude no Recife. Revela-se, dessa maneira, a intersecção entre poesia crítica e poemas de circunstâncias, nos poemas para amigos do livro *Museu de tudo*, como foi problematizado na tese de doutorado de minha autoria.

A referência a Lewin evidencia que, mesmo após sua morte, ele segue fiscalizando a qualidade do que o poeta amadurecido escreve, demonstrando sua importância para além do papel de tutor intelectual, no início dos anos 1940. A vigília constante pode ser compreendida como uma das razões que levam João Cabral a viver no extremo do fazer poético, como sugerem os versos: “no estado/ do arqueiro quando atira, / mais tenso que seu arco”. Tal estado de tensão deve-se à busca constante pela aprovação do seu mentor, mas de modo paradoxal, pois o sujeito poético afirma querer “tanto o sim e o desagrado”.

O “desagrado” pode ser entendido como aspectos que tornam a poesia de João Cabral diferente do que aprendera com Lewin, representando, portanto, uma maneira de superar a si próprio à medida que se distancia do estilo poético que se esboça no principiante *Pedra do sono* (1942). Busca-se o sim, ou seja, apenas um gesto afirmativo, embora consciente de que os novos rumos da sua poética possa incomodar o antigo mestre.

Para entender a ambiguidade do “sim e do desagrado”, torna-se importante uma breve apresentação de quem exerce o papel de “fantasma-leitor” dos versos cabralinos. Willy Diniz Lewin foi um poeta, ensaísta, crítico literário, funcionário público, nascido na cidade do Recife, em 1908. Juntamente com João Cabral, Vicente do Rego Monteiro e José Guimarães de Araújo, promoveu o I Congresso de Poesia do Recife que contou, anteriormente, com divulgação de um manifesto<sup>4</sup> assinado por eles. Teve uma função relevante na formação intelectual de alguns poetas e artistas nordestinos, como João Cabral, Lêdo Ivo e Newton Cardoso, por exemplo, conforme esta citação:

Sentia o impulso interior para fazer qualquer coisa, para ser agrônomo, arquiteto ou pintor. Mas os meus amigos eram poetas. Um deles, chamado [Willy] Lewin, era mesmo uma espécie de guru de todos nós. Não era um grande poeta, mas um homem informadíssimo, com um conhecimento estupendo da literatura moderna francesa. Durante a guerra, a única fonte de informação

<sup>4</sup> O evento ocorreu na cidade do Recife, em 1941. O manifesto “Primeiro Congresso de Poesia do Recife”, de acordo com Flora Süsskind (2001, p. 264), foi “divulgado em 1940 pela revista *Renovação*, em Pernambuco, e pelo jornal *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro.” O texto completo pode ser conferido no livro *Correspondências de Cabral com Bandeira e Drummond* (2001).

que tínhamos era a sua biblioteca. Portanto, como toda a gente fazia poesia nesse grupo, talvez eu me sentisse intruso se não a fizesse. Possivelmente, comecei a escrever para justificar a minha presença naquele grupo.<sup>5</sup>

Sua influência é bastante perceptível nos primeiros trabalhos de João Cabral. A tese “Considerações sobre o poeta dormindo”<sup>6</sup> toma como epígrafe os seguintes versos de Lewin:

O sono, um mar de onde nasce  
Um mundo informe e absurdo,  
Vem molhar a minha face:  
Caio num ponto morto e surdo.

(LEWIN *apud* MELO NETO, 1994, p. 685).

O título e a epígrafe prenunciam a inclinação ao surrealismo na primeira fase desse aspirante a poeta e crítico literário, até então, sem livros publicados. Com referências a Murilo Mendes e Jorge de Lima, João Cabral (1994, p. 686 e 687) busca demonstrar que “o sono predispõe à poesia”, pois: “O sonho é como uma obra nossa. [...] é uma obra cumprida, uma obra em si. Que se assiste. Esta fabulosa experiência pode ser evocada, narrada. Como a poesia, ou por outra, em virtude da poesia que ela traz consigo, apenas ser transmitida”. A atmosfera onírica e noturna pode ser observada também em *Pedra do sono* (1942).

Nesse livro de estreia, o nome de Lewin aparece na dedicatória: “A meu pai e minha mãe. A Willy Lewin e Carlos Drummond de Andrade”. Além disso, Lewin assina o prefácio – “João Cabral de Melo Neto e sua Poesia” – que pode ser conferido na primeira edição<sup>7</sup> de *Pedra do sono*. As afinidades entre o “mentor intelectual” e o jovem poeta evidenciam-se no texto de apresentação da poesia de João Cabral, como demonstra este fragmento:

Durante quatro anos, pouco mais ou menos, de convivência cotidiana, chegamos, João Cabral de Melo Neto e eu, a um ponto quase extremo de entendimento poético. Quando digo que nos entendemos perfeitamente não digo que esse entendimento se realiza sempre no plano artístico ou literário. Digo que nos entendemos — e tão plenamente quanto é possível entre duas sen-

5 Entrevista concedida por João Cabral a Maria Leonor Nunes, JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias, Lisboa, no. 448, 05/10 fev. 1991. In: ATHAYDE, 1998, p. 143.

6 Apresentada no I Congresso de Poesia do Recife, em 1941. O texto completo se encontra no livro *Prosa* (1997) e também na *Obra completa* (1994).

7 Agradeço a Antonio Carlos Secchin pela gentileza de me disponibilizar o prefácio da primeira edição de *Pedra do sono* (1942).

sibilidades que decerto devem guardar as suas zonas próprias de silêncios e de segredos — no sentido de que funcionamos na mesma onda. Tornam-se, desse modo, praticáveis, entre nós, certas conversas esquisitas, certas estranhas proposições. Basta, por exemplo, que o João me pergunte ou eu lhe pergunte: “Que tal a palavra LUA?” — para que imediatamente sintamos que acabamos de situar na atmosfera que nos cercam o palpitante problema de metafísica poética. (LEWIN. In: MELO NETO, 1942).

A presença de Lewin nos trabalhos iniciais de João Cabral deve-se, em parte, à participação do autor de *Pedra do sono* na roda literária liderada por esse intelectual, como sugere esta declaração: “O mais velho de nós todos, uma espécie de mentor, era o Willy Lewin. Ele tinha uma biblioteca de literatura francesa moderna enorme e foi quando eu tomei conhecimento do surrealismo e outros poetas modernos.” (MELO NETO, 1991)<sup>8</sup>.

Apesar da recorrência de Lewin nos trabalhos de estreia e dos depoimentos reiterando sua importância no processo de desenvolvimento de um dos poetas mais importantes da Língua Portuguesa, paira um silêncio em relação ao antigo mestre nos dez livros seguintes. Após *Pedra do sono*, Lewin será retomado em versos cabralinos, mais de três décadas depois, em *Museu de tudo* (1975).

A propósito, ocorre algo semelhante com outro poeta homenageado no livro de estreia – Carlos Drummond de Andrade. Figura importante nas três primeiras publicações de João Cabral: dedicatórias dos livros *Pedra do sono* (1942) e *O engenheiro* (1945) – “A Carlos Drummond de Andrade, meu amigo”; poema “A Carlos Drummond de Andrade”, no livro de 1945; versos do poema “Quadrilha” como mote e epígrafe de *Os três mal-amados* (1943); além de poemas escritos nessa fase, mas publicados posteriormente, como “C.D.A.”, em *Primeiros poemas*, e “Difícil ser funcionário”, em *Cadernos de Literatura Brasileira* do IMS<sup>9</sup>. Embora nenhum tenha admitido de maneira explícita, o silêncio entre eles, a partir da década de 1950, sugere uma ruptura:

O esvaecimento das correspondências, algumas declarações de Cabral, ausência do poeta mineiro nos livros posteriores a *O engenheiro* (1945) – inclusive nos poemas de cunho metalinguístico e circunstancial, de *Museu de tudo* (1975), em que são reverenciados e referenciados diversos artistas com os quais tem afinidades – entre outras questões, corroboraram e, ainda, suscitam especulações acerca de um possível rompimento. (RIBEIRO, 2017, p. 20).

<sup>8</sup> Entrevista concedida por João Cabral ao Caderno Folha Mais, do Jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 de março de 1991. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/mais/historia/300391b.htm> Acesso em: 25 out. 2016.

<sup>9</sup> *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles, número 1 – março de 1996.

Voltando à ausência de Lewin por mais de três décadas na poesia de João Cabral, algumas hipóteses podem ajudar a compreender. Talvez, questões pragmáticas, como a mudança, em 1942, para o Rio de Janeiro e, a partir de 1947, para vários países a serviço do Itamaraty. Outros motivos para esse afastamento podem estar vinculados a questões literárias, mais especificamente, às modificações estéticas e temáticas empreendidas por João Cabral no seu livro de 1945. A partir de então, afasta-se da atmosfera *nonsense*, lunar e noturna de *Pedra do sono* e começa a se alinhar a uma proposta marcada por construtivismo, clareza e precisão.

Características que, não obstante, já estavam presentes em *Pedra do sono* como indicou Antonio Cândido, em “Notas de crítica literária – Poesia ao Norte”<sup>10</sup>. A relevância desse texto foi atestada pelo próprio João Cabral: “Hoje eu poderia colocá-lo como prefácio em minhas poesias completas porque ele [Antonio Cândido] previu tudo o que eu ia escrever, a maneira como eu ia escrever.”<sup>11</sup>. Em uma das raras recepções críticas de *Pedra do sono* na região Sudeste, Antonio Cândido afirma que:

Trabalhando um material caprichoso, como é o do sonho e o da associação livre, o Sr. Cabral de Melo tem a necessidade de um certo rigor por assim dizer construtivista. [...]. Não o chamo, porém, de cubista, porque ele não é só isso. O seu cubismo de construção é sobrevoado por um senso surrealista da poesia. Nessas duas influências – a do cubismo e a do surrealismo – é que julgo encontrar as fontes da sua poesia. Que tem isso justamente de interessante: engloba em si duas correntes diversas e as funde numa solução bastante pessoal. (CANDIDO, 2002, p. 17).

143

A fase solar e construtivista, evidenciada em *O engenheiro*, sugere a consolidação de algumas mudanças significativas na vida e na obra de João Cabral, principiada após sua partida para o Rio de Janeiro, como supõe Willy Lewin, em carta de 02 de junho de 1943:

[...] soube de vagos boatos (veiculados pelo Hélio Feijó, entre outros) acerca de uma grande transformação sofrida por você. Transformação que iria desde as roupas e os hábitos, até um modo de ser.

[...]

10 “Notas de crítica literária – Poesia ao Norte” (Folha da manhã, São Paulo, 13/6/1943; recolhido por Vinícius Dantas em *Textos de intervenção*, 2002)

11 Entrevista concedida a Adalberto de Oliveira Souza e Maria Neuza Cardoso, em 1975. In: MAMEDE, 1987, p. 150.

Bem... Parece q vc. [sic] ouviu mais atentamente do que julgou os conselhos de Schmidt... Tudo ótimo. Não obstante continuo a sentir uma espécie de medo (irracional) da sua jamais explicada “transformação”.<sup>12</sup>

Após esse desabafo, a missiva entre os dois se torna menos frequente e pouco afetuosa. Ainda em 19 de agosto de 1943, Lewin, que escrevia cartas longas com mais de cinco folhas, expressa em menos de uma lauda sua preocupação com a indiferença do amigo. Além de comentários sobre a suposta “transformação” da qual tomava conhecimento por meio de terceiros, como Newton Cardoso e Eros<sup>13</sup>, Lewin reitera: “Ando, sinceramente, desconfiado – e temeroso – de que eu (que até agora me julgo ainda com direito a considerar-me um seu amigo do peito) tenha ingressado numa possível ‘lista negra’ organizada por você por motivos ignorados”<sup>14</sup>. O modo de se referir ao amigo torna-se mais formal – “de você João Cabral de Melo Neto, que sempre demonstrou ser meu camarada”. O uso do nome completo, ausente em cartas anteriores, sugere uma quebra no grau de intimidade entre eles.

Depois dessa fase, constam apenas duas cartas enviadas por Lewin, datadas de 14 de agosto de 1951 e 9 de janeiro de 1957. Na primeira, em tom frio e objetivo, faz ressalvas a Lêdo Ivo, a quem o remetente define como “vitorioso poeta da geração de 1945”. Destacam-se, também, orientações sobre trâmites legais e esclarecimentos obtidos com Aluísio Gonçalves de Melo para que João Cabral pudesse adquirir um imóvel no Rio de Janeiro. Trata-se de um apartamento localizado no mesmo prédio de Lêdo Ivo, por meio de quem Lewin diz ter tomado conhecimento do interesse de João Cabral. Na mesma ocasião, comenta sobre uma carta em agradecimento ao envio de *O cão sem plumas*, para a qual não obtivera resposta. Supõe, novamente, extravio de correspondência. A impressão de que o envio do livro de João Cabral a Lewin representaria uma reconciliação é logo desfeita pelo seguinte comentário:

Lêdo teve a lembrança (ou indiscrição) de me falar num P.S de carta sua para ele com alusões, suponho cortantes, a uma minha indesejável e desagradável ‘popularidade nas rodas literárias’. Não sei bem do que se trata e alimentei mesmo durante alguns dias, a intenção bastante impura de pedir exatidões ou... explicações.

12 A correspondência enviada por Willy Lewin para João Cabral está no arquivo desse poeta na Fundação Casa de Rui Barbosa. Trata-se de oito cartas que compreendem o período de 24 de novembro de 1942 a 09 de novembro de 1957, escritas no Recife e no Rio de Janeiro. Não foi possível localizar as cartas enviadas por João Cabral.

13 Não indica o sobrenome, mas possivelmente se refere ao pintor e amigo de João Cabral, Eros Gonçalves Pereira, mencionado também em carta de Cabral para Drummond, datada de 18.6.1942.

14 Em carta de 19/08/1943, escrita no Recife, que consta no arquivo de João Cabral na FCRB.

Discutir, enfim, o assunto. Todavia desisto. A registrar apenas ter sido o confidente precisamente o Lêdo, organizador infatigável e inspirado da grande maioria das reportagens anônimas sobre “A República das Letras”.<sup>15</sup>

“A lembrança ou indiscrição” transmitida por Lêdo Ivo, possivelmente, relaciona-se a este fragmento de carta enviada por João Cabral, em 25 de julho de 1951:

Vejo num artigo desse feiíssimo *Jornal de Letras*, que o nosso Willy é uma das pessoas que mais frequentam as rodas literárias. Lembro-me de que quando ele veio para o Rio, a primeira coisa que me disse, no aeroporto ainda, foi a de que não queria frequentar literatos, julgando talvez que então eu não fizesse outra coisa. Mas ao que parece, por mais que eu os tenha frequentado, o record atual de nosso amigo me deixa muito longe. (Carta de 25/07/1951, In: IVO, 2007, p. 54).

Esse mal-entendido parece ter sido amenizado alguns anos depois, como indica a última carta enviada por Lewin, em 9 de janeiro de 1957. De maneira afetuosa, parabeniza por *Morte e vida severina* ter sido considerado por Moacyr Félix, em “Para todos” ou “Jornal de Letras”, o grande – ou o maior – acontecimento poético de 1956. Na mesma ocasião, agradece a João Cabral e a Stella pelo cartão de Natal e, também, pela indicação para que Lewin escreva um artigo semanal sobre “Letras Anglo-Americanas” para o “Suplemento Literário do Estado de São Paulo”. Sobre essa colaboração, a seguinte declaração de João Cabral é esclarecedora:

145

[...] O Willy, nos últimos anos de vida, escrevia regularmente para o Estado de S. Paulo uma crítica de livros ingleses. Podiam reunir isso [os artigos] porque o Willy era uma coisa fantástica, era sobretudo um conversador, um sujeito que conversando era superior a todos. Mas quando ele começava a escrever parece que perdia a capacidade de profundidade. Não deixou nenhum ensaio mais profundo, a poesia dele era uma poesia sem maior importância. É uma pessoa muito difícil de evocar por isto. Você não pode citar coisa dele que seja definitiva. É um homem muito maior do que as obras que ele deixou.<sup>16</sup>

15 Nas laudas 03 e 04, da carta de 14/08/1951, enviada do Rio de Janeiro, que consta no arquivo de João Cabral na FCRB.

16 Entrevista concedida a André Pestana, *O que eles pensam*, Rio de Janeiro, Tagore, 1990. In: ATHAYDE, 1998, p. 143.

Se a troca de correspondência entre ambos se encerrou nessa carta de 1957, como se pode inferir com base no espólio documental de João Cabral, o mestre – citado na tese “Considerações sobre o poeta dormindo” (1941), homenageado na dedicatória do primeiro livro, *Pedra do sono*, do qual assina o prefácio – reaparece na obra do poeta amadurecido, assumindo ares de leitor especializado.

Apesar da erudição e da importância na formação de alguns nomes do modernismo brasileiro, conforme assinalaram João Cabral e Lêdo Ivo, a produção intelectual de Lewin dispõe de raros registros em livros. Além da dificuldade de acesso à sua obra, o silêncio a seu respeito impera na historiografia literária. Entre as referências, destaca-se um verbete, na Enciclopédia de Literatura Brasileira (2001), atribuindo a ele a autoria de: *15 poemas*, 1936; *Ensaios de circunstância*, 1952; *Caminhos da poesia*, 1936; *Alguns ingleses*, sem data, e alguns textos em antologias organizadas por outros escritores.

Diante de poucas informações sobre Lewin, a consulta ao espólio documental de João Cabral – pertencente ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa – tornou-se uma das principais fontes de pesquisa para este trabalho. Além das cartas, mencionadas anteriormente, merece destaque um texto de duas laudas – “Museu da poesia” – no qual se analisa um livro de Lewin. Esse documento integra a pasta “Ensaio – Prosa de João Cabral de Melo Neto”, da seção *Produção Intelectual*, onde constam alguns documentos dispersos e inéditos, como a conferência “A poesia brasileira” e mais de 30 textos curtos identificados como artigos de jornal e programas de rádio<sup>17</sup>.

De acordo com Marcelo dos Santos (2011, p. 87): “Em resenha para ‘Museu da poesia’, livro de poemas de Lewin, João Cabral intentava construir o perfil do poeta Willy Lewin”. No documento datilografado, não constam data ou veículo onde tenha sido publicado, diferente de outros textos da mesma pasta. Zila Mamede (1987, p. 121), no entanto, informa tratar-se de um prefácio divulgado na revista *Renovação*, em janeiro de 1942.

Na versão *fac-similar* dessa revista<sup>18</sup>, além da “introdução” assinada por João Cabral, constam 16 textos curtos de autoria de Lewin, reunidos com

17 **Artigos de jornal:** Preponderância da Poesia, O Romancista Otávio de Faria; Joaquim Cardozo [1952]; Os ensaios de crítica de poesia [*Diário de Pernambuco*]; Deolindo Tavares e sua poesia [*Rev. Estudantes Recife*]; Willy Lewin; Prática de Mallarmé [*Renovação out. nov. dez. 42*]; Sobre a exposição de Portinari [*O Jornal* – 8.7.43]; As imaginações [*A manhã*]; 15 Poetas Catalães [*Rev. Bras. Poesia*].

**Programas de rádio:** O Romanceiro da Inconfidência, O Exílio das Elites, Um livro de Dantas [*Mota*]; Um poeta verdadeiramente moderno; Jacques Prévert, poeta moderno; Santa Cruz; Sobre os críticos de poesia; O Amoroso e a Terra; Vinicius de Moraes; Geraldo Vidigal; O Romancista Otávio de Faria; Mauro Mota e a geração de 45; Sobre o Romanceiro Popular; Poesia e Rádio; O Poeta Cipriano Vitureira; Sobre Poesia; Fim de uma etapa; Apresentação de Erskine Caldwell.

18 Disponível na página eletrônica da Fundação Joaquim Nabuco: [https://www.fundaj.gov.br/images/stories/biblioteca/renovacao/PDF\\_a04\\_01.pdf](https://www.fundaj.gov.br/images/stories/biblioteca/renovacao/PDF_a04_01.pdf)

o título *Museu da poesia*. Não foi possível identificar se foram republicados em livro, embora em carta de 20/12/1942<sup>19</sup>, Lewin demonstre tal pretensão: “sairá, a pedido de José Maria, com uma tiragem limitada”. Na mesma carta, parabeniza João Cabral pelo ensaio que ele estaria escrevendo sobre Carlos Drummond<sup>20</sup>. Envia, também, o poema “Os mistérios do mar (Segundo Georges Melies)” que faria parte do *Museu da poesia*, para o qual solicita sugestões. Em outra carta longa, datada de 18/01/1943, Lewin parece se referir à resposta de João Cabral, analisando o suposto livro de modo menos favorável: “[...] digo lhe que – e para “soulager”, se possível – que ao escrever-lhe anteriormente adivinhava secretamente a sua resposta. Aliás, não creio mesmo que publique o MUSEU. Como lhe disse, a minha curiosidade emvê-lo publicado era meramente tipográfica”.

Apesar do que sugere a correspondência, não se pode creditar apenas a João Cabral a falta de estímulo para o amigo publicar o seu *Museu da poesia*. O texto de apresentação que consta na revista *Renovação*, já indicava a relação pouco amistosa do próprio Lewin com a sua criação poética: “O autor desta suíte publicou anteriormente uma plaquete de poemas [15 poemas], de tiragem reduzida e hoje infelizmente esgotada, da qual não parece gostar de ouvir falar.” (MELO NETO, 1942, p. 7)<sup>21</sup>. Em seguida, João Cabral apresenta dois textos do livro anterior – 15 poemas<sup>22</sup> – a fim de demonstrar porque os atuais mereciam ser lidos. O poema “Chirico ou o fim do mundo” é um dos citados por ele:

Colóquio das estátuas impassíveis  
Na praça deserta  
Onde sopra um vento de peste  
E um anjo lívido  
Agita as grandes azas  
Perspectivas oníricas  
Sob uma luz de eclipse.

147

(LEWIN, 1942, p. 7).

Nesses versos, evidencia-se a tendência ao surrealismo que perpassa também os textos de *Museu da poesia*. A coletânea de 1942 parece se tratar

19 Logo após a mudança de João Cabral para o Rio de Janeiro, Lewin escrevia cartas longas. Nessa, de 20/12/1942, expressa-se em mais de seis laudas; a outra, datada de 18/1/1943, possui cinco folhas.

20 Refere-se, provavelmente, ao exercício poético *Os três mal amados*, publicado na Revista do Brasil, em 1943. Nele, João Cabral busca dar voz aos personagens Joaquim, Raimundo e João, do poema “Quadrilha”, de Drummond.

21 As citações do prefácio assinado por João Cabral e dos textos de autoria de Lewin que integram *Museu da poesia* serão feitas com base na versão *fac-similar* da revista *Renovação*, de janeiro de 1942.

22 De acordo com Afrânio Coutinho (2001) esse livro foi publicado em 1936.

mais de prosa poética, na qual prevalecem referências a escritores europeus, principalmente surrealistas franceses, que poderiam fazer parte do escopo de leituras de Lewin. João Cabral pontua que a experiência atual diferencia-se da anterior, porque está ligada ao temperamento de Lewin, como indica o excerto abaixo:

Refiro-me à certa “inquietude” ou à certa “insatisfação”, não pela poesia escrita, mas pela sua poesia escrita, traço que é a meu ver um dos principais de sua personalidade (decerto responsável pela destruição de tantos outros belos poemas, de muitos dos quais jamais saberemos) e que o faz sair à procura dessa poesia viva (como ele mesmo disse certa vez), surpreendendo-a em circunstâncias e lugares que os poetas oficiais ignoram. (MELO NETO, 1942, p. 7).

Observa-se, novamente, certa insatisfação de Lewin com sua própria criação poética. Ao longo dessa apresentação, João Cabral enfatiza traços da personalidade do autor, em vez de analisar os textos de *Museu de poesia*. Para Marcelo dos Santos (2011, p. 87), até mesmo nos elogios aos poemas do mestre, João Cabral deixa escapar certa parcimônia. Contudo, sobressai “a fascinação que a vida poética de Lewin exercia sobre Cabral: talvez mais do que os poetas lidos, os poetas convividos interessam muito ao jovem Cabral”.

Assim, o presente trabalho procura demonstrar que a convivência com o “mentor intelectual” continuou interferindo no fazer literário de João Cabral. “A Willy Lewin morto”, publicado em *Museu de tudo*<sup>23</sup>, sugere que o poeta amadurecido segue sob a vigília constante do antigo mestre de quem busca “o sim e o desagrado”. Dessa maneira, haveria uma tentativa ambígua de aprovação a partir do impacto causado pelo poema do “engenheiro do verso” e não por um gesto bajulador de quem escreve para impressionar um leitor específico. Tendo em vista a relevância de Lewin na formação intelectual do jovem poeta João Cabral, mais que um epicédio, esse poema representa uma peça metalinguística importante para se entender relações entre poetas e intelectuais que ajudaram a definir os rumos da poesia brasileira no século XX.

---

<sup>23</sup> Curiosamente, Lewin volta a ser homenageado em um dos livros de João Cabral com título semelhante ao seu *Museu da poesia*, exercício poético onde se evidenciam muitas trocas entre dois nomes da intelectualidade recifense, em meados de 1940.

## Referências

ATHAYDE, Félix. *Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, FBN, 1998.

BARBOSA, João Alexandre. “A lição de João Cabral”. In: \_\_\_\_\_. *Alguma crítica*. Cotia SP: Ateliê Editorial; 2007. p. 249-292.

CANDIDO, Antonio. “Notas de crítica literária – poesia ao norte”. In: \_\_\_\_\_. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 135-142.

*Enciclopédia de literatura brasileira / direção Afrânio Coutinho*, J. Galante de Sousa. – 2. ed. / rev., ampl., atual. e il. sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. –São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001.

LEWIN, Willy. “João Cabral de Melo Neto e sua poesia”. In: MELO NETO, João Cabral. *Pedra do sono*. 1a ed. [300 exemplares fora de comércio e 40 em papel ‘Buetten’ para subscritores]. Pernambuco, [Recife] Oficinas Gráficas de Drechsler & Cia., 1942.

LEWIN, Willy. *Ensaios de circunstância*. Rio de Janeiro: Serviço de documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1952.

LEWIN, Willy. *Museu da poesia*. In: *Revista Renovação*. Ano 4, número 1, jan. 1942. Recife, 1942. p. 7-10. Disponível em: [https://www.fundaj.gov.br/images/stories/biblioteca/renovacao/PDF\\_a04\\_01.pdf](https://www.fundaj.gov.br/images/stories/biblioteca/renovacao/PDF_a04_01.pdf). Acesso em: 20 ago. 2020.

149

MELO NETO, João Cabral. “Museu da poesia”. In: *Revista Renovação*. Ano 4, número 1, jan. 1942. Recife, 1942. p. 7-10. Disponível em: [https://www.fundaj.gov.br/images/stories/biblioteca/renovacao/PDF\\_a04\\_01.pdf](https://www.fundaj.gov.br/images/stories/biblioteca/renovacao/PDF_a04_01.pdf). Acesso em: 20 ago. 2020.

MELO NETO, João Cabral. *Museu de tudo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MELO NETO, João Cabral. *Poesia crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MELO NETO, João Cabral. In: *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Organização, apresentação e notas de Flora Süsskind. Rio de

Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

MELO NETO, João Cabral. Correspondência para Lêdo Ivo. In: IVO, Lêdo. *E agora adeus*. Notas de Gilberto Mendonça Telles. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2007.

MELO NETO, João Cabral. *Museu de tudo*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009.

MELO NETO, João Cabral. *Poesia completa*. Org. Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014. Lisboa: Glaciar, 2014.

MELO NETO, João Cabral. Entrevista Conversas com o poeta João Cabral de Melo Neto. *SIBILA - Revista de poesia e cultura*, ano 9, n. 13, ago. 2009. Número especial em PDF. Disponível em: [www.sibila.com.br](http://www.sibila.com.br) Acesso em: 2 fev. 2011.

MELO NETO, João Cabral. Entrevista concedida ao Caderno Folha Mais, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1991. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/mais/historia/300391b.htm> Acesso em: 10 ago. 2015.

IVO, Lêdo. Os jardins enfurecidos. In: MELO NETO, João Cabral. *Museu de tudo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 9-20.

150

MAMEDE, Zila. *Civil Geometria*: Bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto, 1942-1982. São Paulo: Nobel, 1987.

RIBEIRO, Edneia Rodrigues. “Imagens de Minas na poesia de João Cabral e de Carlos Drummond de Andrade”. In: OLIVA, Osmar Pereira (Org.). *Contemplações de Minas Gerais na literatura*. Belo Horizonte: O Lutador, 2017. p. 15-32.

RIBEIRO, Edneia Rodrigues. *Um museu de duas faces*: poesia de circunstância em João Cabral de Melo Neto. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2019.

SANTOS, Marcelo dos. “Paratextos cabralinos: uma sugestão de leitura da obra de João Cabral de Melo Neto”. *Boletim de Pesquisa NELIC*, Santa Catarina: UFSC, v. 4, p. 82-93, 2011. Edição especial (“Dentro da perda da memória”: Dossiê João Cabral de Melo Neto). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/26479>. Acesso em 27 out. 2018.

E. R. RIBEIRO  
*Um velho mestre  
à espreita: Willy  
Lewin leitor de  
João Cabral*

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: uma fala só lâmina.* São Paulo:  
Cosac Naify, 2014.

SENNA, Marta de. *João Cabral: Tempo e memória.* Rio de Janeiro: Edições  
Antares; Brasília: INL, 1980.

VASCONCELOS, Selma. *João Cabral de Melo Neto: retrato falado do poeta.*  
Recife: Ed. do Autor, 2009.

Submetido em: 14/09/2020

Aceito em: 01/10/2020

151